

A opção pelo Casamento

Robert Wright – O Animal Moral

Pouco antes de conceber a teoria da seleção natural, Darwin tomou a decisão de se casar. Simplesmente se casar; não está claro que tivesse Emma Wedgwood sequer remotamente em vista, e todos parecem concordar que ela não ocupava o centro de seus pensamentos sobre a questão. Em um notável memorando deliberativo, aparentemente escrito por volta de julho de 1838, ele decidiu teoricamente a questão.

O documento tem duas colunas, uma intitulada *Casar*, a outra, *Não Casar*, e englobando as duas, inscrita em um círculo, a frase “Eis a Questão”. Do lado a favor do casamento havia “Filhos – se for a vontade de Deus) – uma companheira constante (e amiga na velhice) que se interessa por nós – objeto de amor e divertimento”. Depois de um tempo ignorado de reflexão, substituiu a frase anterior por “pelo menos é melhor do que um cachorro”. E continuou: “Casa e alguém para cuidar da casa – Os encantos da música e da tagarelance feminina – coisas que fazem bem à saúde – *mas são uma terrível perda de tempo*”. Sem aviso, Darwin passara dos argumentos a favor do casamento para uma razão importante contra o casamento, tão importante que a sublinhou. A questão – a transgressão do casamento em seu tempo, principalmente no tempo de trabalho – foi tratada mais longamente na coluna pertinente, *Não Casar*. Não casar, ele anotou, preservaria a “Liberdade de ir onde se quer – a escolha do círculo social e *pouco contato* – Conversa com homens inteligentes nos clubes – não ser obrigado a visitar parentes e ceder em cada detalhe – não ter a despesa e a preocupação com filhos – possíveis brigas – *perda de tempo*. Não poder ler à noite – adiposidade e preguiça – preocupação e responsabilidade – menos dinheiro para comprar livros e etc. – se tiver muitos filhos, a obrigação de trabalhar para viver”.

No entanto as forças a favor do casamento ganharam o dia, com o pensamento que encerrava a coluna *Casar*. “Meu deus, é intolerável pensar em passar a vida inteira, como uma abelha assexuada, trabalhando, trabalhando, e no final nada. – Não, não serve. – Imagine viver o dia inteiro sozinho em uma casa londrina cheia de fuligem. Imagine uma bela e macia esposa em um sofá com a lareira acesa, livros e música, talvez.” Depois de registrar essas imagens escreveu: “Casar – (um lapso: ao invés de Casar, *Marry*, um nome de mulher, *Mary*) – Casar Q.E.D.” *

* Do latim, *quod erat demonstrandum*, o que deve ser demonstrado. Aposto aos teoremas de Euclides: “Assim provamos a proposição, acima colocada, como deveríamos.”